

O jornal *A Voz da Raça* e os usos didáticos para o ensino de história e cultura afrobrasileira^I

João Marcos de Souza Rodrigues^{II}
Noemia Dayana de Oliveira^{III}

Resumo: Este ensaio é um relato de experiência resultante do minicurso “O Jornal *A Voz da Raça* e as possibilidades metodológicas para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira”, apresentado pelos autores no “I Simpósio: 20 anos da Lei 10.639 e as Experiências de Ensino, Pesquisa e Extensão” promovido pelo Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas da Universidade Estadual da Paraíba. O nosso objetivo foi o de apresentar os usos didáticos de documentos produzidos pelo Movimento Negro, especificamente a Frente Negra Brasileira. Para tanto, o trabalho está dividido em duas partes: na primeira nos debruçamos sobre as questões teóricas do aprendizado histórico; na segunda parte fizemos algumas indicações temáticas para a sala de aula de História. Por fim, esperamos indicar as possibilidades desse recurso para o ensino e desenvolvimento de uma consciência histórica, considerando que o papel do debate acadêmico é provocar a desestabilização de certezas universais acima das contradições históricas.

Palavras-chave: *A Voz da Raça*; Documentos históricos; Frente Negra Brasileira; Ensino de História; Movimento Negro.

The newspaper *A Voz da Raça* and teaching uses for Teaching Afro-Brazilian History and Culture

Abstract: This essay is an experience report resulting from the minicourse "The Voice of Race Newspaper and the Methodological Possibilities for Teaching Afro-Brazilian History and Culture," presented by the authors at the "I Symposium: 20 Years of Law 10.639 and the Experiences of Teaching, Research, and Extension," promoted by the Center for Afro-Brazilian and Indigenous Studies at the State University of Paraíba. Our objective was to present the didactic uses of documents produced by the Black Movement, specifically the Brazilian Black Front. To this end, the work is divided into two parts: the first addresses the theoretical issues of historical learning; the second provides some thematic recommendations for the history classroom. Finally, we hope to highlight the possibilities of this resource for teaching and developing historical consciousness, considering that the role of academic debate is to provoke the destabilization of universal certainties over historical contradictions.

Keywords: *A Voz da Raça*; Historical documents; Frente Negra Brasileira; History Teaching; Black Movement.

O JORNAL A VOZ DA RAÇA E OS USOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA

RODRIGUES, J. M. S.
OLIVEIRA, N. D.

Introdução

Este relato de experiência é resultado de um minicurso realizado no “I Simpósio: 20 anos da Lei 10.639 e as experiências de ensino, pesquisa e extensão” promovido pelo Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas (NEABI) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como parte das atividades referentes ao III Congresso Universitário da UEPB. O minicurso teve como objetivo apresentar aos participantes a possibilidade da utilização de documentos produzidos pelo Movimento Negro (MN)^{IV}, como material curricular para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, considerando as demandas preconizadas na legislação e em suas diretrizes.

Em nossas reflexões partimos dos pressupostos críticos de que os vinte anos da promulgação da Lei 10.639/2003 produziram reais impactos na educação formal brasileira, no entanto, estes estão muito mais na ordem de ampliação de demandas de um mercado vinculado a propostas curriculares, com a produção de materiais didáticos relacionados à temática, cursos de capacitação desenvolvidos por organizações públicas e privadas como universidades, ONG's, editoras, etc., do que propriamente de ordem qualitativa no que diz respeito a uma revolução na forma e no conteúdo da educação formal^V, ou seja, nos processos didáticos de ensino e aprendizagem.

Na contramão desse processo, e reconhecendo a importância didático-pedagógica e política da Lei, compreendemos que o estudo da cultura material e imaterial das populações negras se realize vinculada ao contexto de desenvolvimento da história do país conforme foi proposto em nosso minicurso em relação ao Movimento Negro^{VI}. Para isso reconhecemos que esse movimento não é um fenômeno homogêneo do ponto de vista político e histórico, o que implicou em nossas decisões metodológicas no minicurso, em que enfatizamos a sua primeira fase^{VII} de existência, que se realizou por meio de uma organização de caráter político-assistencial, a Frente Negra Brasileira (1931-1938). Essa organização construiu escolas, clubes recreativos, jornais, times de futebol e outras iniciativas voltadas à integração da população negra à dinâmica histórica do país. Acrescentamos que o impacto dessa organização não esteve restrito à realidade daquele período, nem tão pouco às iniciativas educacionais. Ao contrário disso, as ações realizadas por essa organização continuam sendo um espectro de histórias e memórias não só do negro, mas do povo brasileiro como um todo.

Nesse sentido, os produtos históricos dos povos africanos para cá transplantados e que se perpetuaram em nossa população negra autóctone, compõem a nossa cultura de uma forma geral e podem ser utilizados como conteúdos curriculares a partir de vários aspectos da produção cultural desses grupos, sendo o conhecimento sobre o fenômeno e os interesses docentes e discentes os elementos que irão servir para selecionar o aspecto cultural que pode ser estudado em aula. Diante dessa constatação e considerando o espaço desse ensaio, focaremos na produção advinda da imprensa negra, tendo em vista que, reconhecemos as potencialidades pedagógicas desse tipo de documento para o desenvolvimento de uma consciência histórica crítica em sala de aula.

A apresentação sobre os usos didáticos dos documentos – no caso aqui, os jornais – foi organizada em dois momentos, o primeiro esteve voltado a uma discussão teórica sobre ensino de História e o uso de documentos em sala de aula e que será desenvolvido nesse ensaio, não em forma de uma narrativa descritiva desse momento da atividade, mas em forma de discussão com os autores utilizados no minicurso. No segundo momento foram apresentadas propostas metodológicas para exploração do material, sendo que durante esse processo deixamos claro

O JORNAL A VOZ DA RAÇA E OS USOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA

RODRIGUES, J. M. S.
OLIVEIRA, N. D.

que as formas de utilização pedagógica pelos professores estão condicionadas as situações concretas em que se desenvolve o processo educativo e que nossa exemplificação não poderia ser tomada de forma “manualesca”, mas que tinham o objetivo de informar as potencialidades dos documentos históricos do Movimento Negro.

Considerações sobre os usos de documentos históricos em sala de aula

A área do Ensino de História sofreu, desde as décadas de 1960 e 1970, importantes avanços no que diz respeito às contribuições voltadas para o aspecto didático e da teoria do aprendizado da área e da disciplina. No entanto, não existe ainda uma teoria sistemática do aprendizado histórico que o considere como um processo mental de construção de sentido temporal, no qual a experiência narrativa contribui e se desenvolve^{VIII}.

Nessa perspectiva, o Ensino de História como a área interessada pelos processos de aprendizagem deveria considerar que o aprendizado histórico é um aprendizado diferenciado, em que se exigem competências do sujeito que não se confundem com aquelas capturadas pelas teorias do conhecimento do século XX, isto é, uma concepção temporal conservadora e estática. Numa nova perspectiva de aprendizado histórico, a experiência temporal e do conhecimento estava relacionada a diferentes níveis de abstração temporal pelos sujeitos e que estão relacionados diretamente as formas de aprendizado, que são: o tradicional, o exemplar, o crítico e o genético^{IX}.

Considerando o exposto, as políticas curriculares brasileiras como as Diretrizes Nacionais para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira (2004) não transparece de forma explícita e sistemática uma teoria da história que tenha sido induzida da nossa realidade nacional, ponderando o nosso aspecto temporal/relacional do aprendizado histórico, o que faz com que o processo de aquisição de conhecimentos na sala de aula esteja restrito ao uso dos livros didáticos ou materiais escritos, em sua grande maioria fundamentada em pressupostos teóricos epistemológicos de teorias estrangeiras, muitas vezes assimiladas de maneira acrítica, ou seja, sem analisar as condições histórico-sociais de onde foram induzidos, o que leva a utilização de determinados conceitos e categorias sem discutir até que pontos eles são válidos para compreender e explicar fenômenos da nossa realidade, em específico o da nossa formação social no que diz respeito aos processos de racialização. Desse modo, cria-se a falsa ilusão de avanços na área do Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira, haja vista o salto de produção de livros, tradução de textos e outros materiais que abordam essa temática.

No entanto, acreditamos que o aprendizado histórico corresponde a uma abstração temporal que não se vivencia se não garantir a experiência material e visual do aluno(a) com os diferentes produtos das temporalidades e culturas^X. Por esse motivo, as práticas pedagógicas podem estar fadadas ao fracasso por silenciarem ou negligenciarem sobre as produções materiais, visuais ou escritas dos grupos sociais, e investirem somente no consumo de livros e manuais didáticos, muitos desses, desenvolvidos com fundamento epistemológico em autores e teorias estrangeiras como já discutido.

Não queremos afirmar com isso que só é possível estudar e conhecer sobre a realidade histórica das “minorias”^{XI} quem está vinculado a esses grupos, ao contrário disso, acreditamos que essas discussões devem ser apropriadas de maneira geral, sem restrição étnica, geográfica, de idade e de gênero, e para isso acontecer é imprescindível partir daquilo que foi e é produzido por esses grupos sociais, entre eles, os textos escritos.

O JORNAL A VOZ DA RAÇA E OS USOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA

RODRIGUES, J. M. S.
OLIVEIRA, N. D.

Sobre isso, é importante frisarmos que os professores(as) de História precisam conceber os produtos culturais produzidos pelos grupos sociais como “documentos históricos”, que são os diferentes produtos e suportes culturais (escritos, orais, visuais, alimentares, arquitetônicos) dos acontecimentos do passado, os quais numa dupla perspectiva temporal (a do observador do registro – presente vivido – e a do produtor do registro – passado histórico) possibilitam a leitura e a crítica do processo histórico de uma dada sociedade^{XII}.

Dito isto, acreditamos que para os usos didáticos dos documentos históricos na sala de aula, especialmente àqueles produzidos pelas populações negras no pós-abolição, como é o caso aqui analisado (a Frente Negra Brasileira), é necessário que o professor(a) domine os métodos de análise utilizados na pesquisa histórica que são pelo menos três: (1) entender a existência (o período em anos ou décadas) do documento histórico; (2) compreender o significado (físico e cultural) do documento histórico e (3) saber quem fez e para quem fez o documento histórico^{XIII}.

Considerando a necessidade de aliar os conhecimentos da pesquisa histórica com o ensino, elegemos como documento histórico potencial para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira o jornal produzido pela FNB intitulado como *A Voz da Raça*. Atualmente, ele está disponível no sítio da Hemeroteca Nacional, criado e administrado pela Fundação da Biblioteca Nacional. Ele é o maior site público e de acesso livre a digitalização dos jornais e das revistas produzidas no Brasil. Portanto, não abriga apenas documentos históricos produzidos pelas populações negras, mas de todos(as) brasileiros(as) ao longo da nossa história.

Na proposta pedagógica que foi realizada no minicurso optamos por um método de investigação temática no documento, devido a grande variedade de conteúdos existentes no material, os quais não teriam condições de serem abordados em sua totalidade. Diante disso, no tópico que se segue faremos uma descrição e justificação da temática que tomamos para discussão no jornal.

O uso do jornal *A Voz da Raça* na disciplina de História

O jornal *A Voz da Raça* circulou em São Paulo e outras cidades brasileiras entre os anos de 1933 a 1937, especialmente nas festas, saraus e outras atividades recreativas e políticas desenvolvidas pela FNB. Esse jornal marcou a passagem dos jornais sociais para os jornais políticos, ou seja, os jornais produzidos por associações e movimentos políticos do início do século XX^{XIV}. O fim das produções desse periódico foi marcado pela instauração da ditadura do Estado Novo liderada por Getúlio Vargas, em 1937, que determinou a FNB e outras como associações ilegais.

Os fundadores desse jornal foram os militantes Arlindo Veiga dos Santos^{XV} e José Correia Leite^{XVI}, que defendiam politicamente a moralidade, a autoestima, a identidade positiva, as melhorias na posição social dos negros, através da educação, do combate ao analfabetismo e do alcoolismo^{XVII}. É importante frisarmos que a FNB foi o primeiro grande movimento social no pós-abolição considerado por estudiosos^{XVIII} como um movimento de caráter assimilacionista, isto é, difere dos movimentos negros atuais, porque defendia a integração do negro à sociedade moderna e capitalista como fundamento de defesa da sua identidade, mais do que defenderem suas diferenças.

Para tanto, a Frente Negra Brasileira foi a primeira associação política a difundir os seus interesses e angariar apoio através de um jornal produzido semanalmente. *A Voz da Raça*, portanto, tornou-se o periódico oficial desse grupo político, servindo como um instrumento de disputas e difusão de ideias, concepção de mundo e de sociedade. É a partir dessas constatações

O JORNAL A VOZ DA RAÇA E OS USOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA

RODRIGUES, J. M. S.
OLIVEIRA, N. D.

que entendemos que esse tipo de documento escrito pode ser apropriado pelo professor(a) de História através do conteúdo vinculado em suas páginas. Além disso, o jornal em si pode ser apropriado para o processo de ensino conforme possa ser entendido como produto de relações sociais condicionadas a um contexto histórico – um periódico de quatro folhas, com determinado preço, com determinada periodicidade de publicação, etc. Diante desses aspectos, é importante dizer que o jornal como documento histórico só foi considerado pelos pesquisadores recentemente, viabilizando assim o seu uso como *objeto* – sob o qual é lançado questões de pesquisa relacionadas a sua fundação, diagramação, edição etc., – e como *fonte* – considerados como “fonte de informações” para construir determinado objeto de investigação^{XIX}.

Para o processo de ensino e aprendizagem em História, o professor(a) pode considerar os dois aspectos de forma dialetizada – o jornal como objeto e como fonte, tendo em vista que forma e conteúdo fazem parte de um mesmo contexto. Entretanto, no trabalho que realizamos, apesar de não termos negligenciado esse aspecto (o jornal como objeto), procuramos dá maior atenção para o processo de leitura imanente do mesmo (o jornal como “fonte de informações”), tendo em vista a variedade de temas que ele apresenta em suas páginas. Desse modo, os temas que aparecem no jornal *A Voz da Raça* não se esgotam no que selecionamos para esse ensaio, além de que as indicações para os usos didáticos desse jornal em sala de aula foram elaboradas a partir de um aspecto hipotético, uma vez que não foram induzidas do confronto com uma realidade educacional.

As ideias e propostas apresentadas durante o minicurso tiveram como aspecto de fundamentação as experiências pessoais dos autores, que são singulares em relação às situações da história de vida de ambos e em relação à história individual dos participantes do minicurso, mas que sabemos que quando consideradas em quadro geral da educação pública nacional, partilham de problemas, condições e possibilidades parecidas e até mesmo semelhantes.

Apesar disso, ao apresentarmos o processo metodológico aos participantes, enfatizamos que, considerando o conteúdo do jornal *A Voz da Raça* a partir da crítica interna e externa dessa fonte, conseguimos aproximar, inicialmente, pelo menos oito sessões do jornal com os conteúdos de História do 9º ano (série considerada no minicurso), que aparecem na BNCC: a) a questão da inserção dos negros no período republicano do pós-abolição; b) os movimentos sociais e a imprensa negra; c) a cultura afro-brasileira como elemento de resistência e superação das discriminações^{XX}.

Devido os limites do minicurso, optamos por utilizar e demonstrar um processo de seleção de temas no periódico por meio da utilização de palavras-chaves, processo que também é realizado por aqueles que fazem pesquisas em bases de dados digitais. Desse modo, inserimos no buscador de pesquisa do sítio da Hemeroteca Nacional um tema-chave que foi a expressão “13 de Maio”, tendo em vista que é uma efeméride carregada de significado político na história dos(as) negros(as) no Brasil e que foi reelaborada como um dia de luta contra o racismo desde a década de 1980 a partir das ações do MN contemporâneo, surgido em 1978 e que teve como marco histórico a fundação do Movimento Negro Unificado (MNU). A substituição dessa efeméride tinha como finalidade demonstrar que a abolição formal da escravidão não proporcionou, de fato, a inserção da população negra na sociedade brasileira.

A nossa justificativa para seleção do tema, é que apesar dessa substituição política de significado para data, o 13 de maio como dia da abolição mesmo que formal, carrega em si um contexto de intensas lutas políticas da população negra e ocasionaram profundas mudanças estruturais na história brasileira, principalmente em relação a condições de emancipação dos

O JORNAL A VOZ DA RAÇA E OS USOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA

RODRIGUES, J. M. S.
OLIVEIRA, N. D.

trabalhadores escravizados na luta abolicionista^{XXI}. Além disso, sob o aspecto da crítica interna dos textos do jornal, observamos a considerável quantidade de ocorrência dessa temática, que veremos adiante, na escrita daqueles(as) que produziam para *A Voz da Raça*.

Ao utilizarmos esse tema na busca, conseguimos identificar cinquenta e quatro ocorrências no jornal – ou cinquenta e quatro textos presentes nas páginas desse periódico com a expressão 13 de Maio – ao longo dos cinco anos de circulação, exceto no ano de 1936, que curiosamente não teve a publicação de textos com o uso dessa expressão. Não conseguimos identificar a natureza da inexistência da expressão “13 de Maio” em 1936, mas também pode corresponder a algum erro no Reconhecimento Óptico de Caracteres, a tecnologia utilizada para encontrar palavras-chave nos jornais da Hemeroteca Digital.

Durante o minicurso, devido ao tempo de duração (quatro horas), optamos por utilizar algumas edições de 1933 e 1935, que foram selecionadas considerando o número total de ocorrências por ano, sendo estes dois anos os que mais e menos tiveram ocorrências, isto é, 1933 constam vinte ocorrências e 1935 constam cinco ocorrências. Para além do quantitativo, esses textos não foram selecionados apenas levando em consideração a quantidade de vezes que apareceram no jornal, mas a partir das representações que a FNB tinha do 13 de Maio, as quais não estavam separadas do contexto de 1930, ou seja, do período de reorganização política institucional e social do governo Vargas, e que ser precisa levado em consideração pelo professor(a) de História que fará a escolha dos textos, tendo em vista que tal postura contribuirá para uma compreensão sobre os fatos representados no jornal.

Nesse sentido, os movimentos sociais existentes naquele período se mobilizaram, principalmente, em torno de pautas institucionais, como a escolarização e a profissionalização, o direito à cultura e ao lazer, utilizando a imprensa como canal de comunicação. A imprensa escrita, que era a hegemônica como instrumento de comunicação da época, foi apropriada pelas organizações políticas como a FNB, que mobilizavam seus interesses nessas páginas, a exemplo das festividades do 13 de Maio, ou sejam, eram verdadeiros espaços de articulação política, conforme expresso na imagem a seguir:

Figura 1. Programa dos festejos de 13 de maio de 1933

MAIO 13 1888 13 DE MAIO DE 1933 MAIO 13 1933

“Frente Negra Brasileira”

EM VITORIOSA MARCHA, COMEMORA CONDIGNAMENTE A GRANDE DATA

Para celebrar o dia 13 de Maio, uma das maiores etapas da redenção da Gente Negra Brasileira, a Comissão de Festas da F. N. B. — que vai levando o Negro Nacional à própria redenção e à da Patria pela atitude nacionalista dos fretenegrinos e fretenegrinas — organizou o seguinte

PROGRAMA

DIA 13, SABADO

De manhã, às 6,30, missa solenne, na Igreja dos Remedios, á Praça João Mendes, em memoria do batalhador Francisco Costa Santos, e dos Abolicionistas Negros e Brancos.

A' Noite

No Cine-Teatro Roma, á Rua da Barra-Funda n. 60, importante sarau litero musical e dramatico, Patrocinado pela Comissão de Festas da F. N. B.

Programa do Festival

PRIMEIRA PARTE

atos, 1 prologo e 10 quadros, original do escritor teatral Isaltino B. Veiga dos Santos, intitulada:

“Marieta, a Heroína”

MARIETA, A HEROINA, é uma das obras primas do supracitado escritor, que, logo em seu prologo, demonstra como profundo conhecedor da causa, o valor indistinctivel da Gente Negra Brasileira.

Descrição dos quadros: *A balta — O baile — A declaração da guerra — Patriotas — A voz — Exortação — A gratidão — Impondo o dever — Pela raça e pelo Brasil — A despedida.*

MARCHA TRIUNFAL.

3.º Numero — Overture pela Orquestra Frenetegrina.

Fonte: Hemeroteca Nacional

O JORNAL A VOZ DA RAÇA E OS USOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA

RODRIGUES, J. M. S.
OLIVEIRA, N. D.

A expressão “13 de maio” utilizada por nós para acessar o passado das populações negras e suas representações do presente vivido, está colocada num registro escrito (o jornal), criando a possibilidade de conhecer outras práticas do grupo para além da data comemorativa, mas que estavam intimamente relacionadas com ela. As práticas conforme expostas no programa da comemoração na figura 1, foram identificadas por nós como **religiosas** – a missa de abertura no sábado, 13 de maio de 1933 –, **teatrais** – a peça “Marieta, a Heroína” do editor geral do jornal *A Voz da Raça*, Isaltino da Veiga dos Santos – e as **musicais** – com o sarau litero-musical.

É importante frisar que o 13 de Maio não consta no jornal apenas como uma data comemorativa, em que os fretenegrinos celebravam com missas, espetáculos teatrais ou musicais. Esse texto do programa, que pode ser utilizado em sala de aula com os alunos(as) do 9º ano, possibilita a compreensão histórica de que a data 13 de Maio foi comemorada pelas populações negras durante muitos anos depois da abolição, o que ajuda a desfazer as representações criadas nos livros didáticos como uma data construída pelo movimento abolicionista, em especial as pessoas brancas.

Por isso, o 13 de Maio que aparece representado no jornal não se resume a data do fim da escravidão no Brasil e posteriores comemorações, mas também como expressão frequentemente utilizada populações negras no pós-abolição, dando nome à clubes de futebol, companhias de teatro, blocos e festas:

Bloco 13 de Maio

Promovido por um grupo de gentis senhoritas de escol do bairro de Vila Mariana, realizou-se no sábado passado, no salão da rua Tomaz Carvalhal 36, uma encantadora festa atraindo uma seleta concorrência. A reunião decorreu na mais franca alegria tendo sido as suas componentes pródigas em gentilezas para com os seus convidados. Foi oferecido no decorrer da mesma uma lauta mesa de finos doces e sanduiches regado de saborosos vinhos e licores.

O salão era decorado com gosto causou belo efeito, e as danças que foram até alta madrugada deixaram no espírito dos assistentes as mais gratas recordações. As organizadoras da inesquecível festa são as senhoritas: Rosa, Deolinda, Cecília, Síria, Joana, Benedita. O Jazz do nosso amigo Conegundes muito realçou nesta festa executando as músicas mais variadas do seu vasto repertório^{XXII}.

É bem verdade que a FNB era constituída pelas populações negras das principais cidades brasileiras nas primeiras décadas do século XX, em especial um grupo que tinha acesso à escrita e à leitura, mas também a espaços como do “Bloco 13 de Maio”, uma festa descrita no texto acima com fartura e requinte. Esse texto, se levado à sala de aula pelo professor(a) de História, poderá instigar a discussão em dois aspectos: 1) Que as populações negras do pós-abolição, como as de São Paulo, não devem ser erroneamente consideradas como unicamente pobres e analfabetas; 2) Que o jornal *A Voz da Raça* não só denunciava a miséria material e intelectual que muitos negros(as) viviam, mas também noticiava a ascensão de tantos outros homens e mulheres negras, como as senhoritas que foram mencionadas.

Se condições materiais divergiam entre as populações negras, como é possível deduzir com as edições supracitadas do jornal, também existiam diferenças ideológicas em relação as ações e aos interesses dos membros da FNB, o que sugere para o professor(a) de História uma possibilidade de desenvolver no aluno a capacidade crítica de desfazer o essencialismo histórico com que é tratado essa população negra e outros grupos humanos na disciplina. Com base nesse

O JORNAL A VOZ DA RAÇA E OS USOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA

RODRIGUES, J. M. S.
OLIVEIRA, N. D.

aspecto apresentamos aos participantes do minicurso dois artigos de opinião divulgados nas colunas do jornal em que o professor(a) pode indicar aos alunos as diferenças ideológicas intrínsecas a organização:

Do Meu Canto

(...) Entrando no assunto sério e deixando de dar palpites, do meu canto, *eu faço um apelo a todos os negros, principalmente aos esquerdistas que é bom eles largarem de fricote.*

– *Frente Negra Brasileira, deverá existir somente uma, e negócio de ala socialista e ala esquerdista, são mancada. Deverão sumirem essas alas e ficar tudo como dantes: Frente Negra Brasileira e nada mais. Que alas, que nada; alas, pau na cabeça e não adiante estrilar, comigo é assim: escreveu não leu, pau comeu; meteu a cara, é a conta...*

Se eu fosse esquerdista, eu faria o seguinte: chegava na sede, bem entendido, da Rua da Liberdade, 196, e dizia na dura: – Fui ali e já voltei e agora “tô aí memo”, na Frente até morrer de velho, nem que chova, serei frentenegrino para todos os efeitos.

No dia 13 de maio, cessa tudo quanto a antiga musa canta, não deverá ter ala esquerda, nem ala média, e nem ala direita, o time deverá ser um só, intitulado, time único... (Menelin)^{XXIII}.

A partir das informações que constam no texto, frisamos que o professor(a) de História além de discutir as contradições de significados e disputas ideológicas contidas nele, também pode explorar as relações delas com as motivações históricas que levavam os membros da FNB a esconderem suas autorias nesses artigos, utilizando pseudônimos, conforme consta no trecho supracitado, bem como as gírias ou expressões recorrentes. Frisamos também, que é possível explorar a consciência que esses sujeitos tinham a respeito do que é ser de “esquerda” e “direita” e mapear os projetos políticos que estavam afirmando, já que o contexto histórico correspondeu a afirmação institucional de vários grupos, como a própria Frente Negra que teve *status* de partido político dos negros(as) no Brasil.

Sobre a expressão “13 de Maio” presente no artigo apresentado acima, frisamos a forma como ela foi tomada de maneira relacional pelo autor, isto é, uma data que indicava um dia de ação política ou do apagamento das diferenças políticas nas relações internas da FNB. Portanto, não só marcava um dia de festividade e lazer, mas, sobretudo, de organização política. Ao mesmo tempo em que também colocava em questão as disputas ideológicas que já existiam entre os frentenegrinos, tão verdade é que aparece nas primeiras edições do jornal da FNB. Essas disputas também eram convocadas pelas mulheres frentenegrinas, colaboradoras do jornal:

Comentando

O negro, esta alma generosa que soube assentir, dentro do seu grande coração de brasileiro, a todas as injustiças de um passado nefasto, de uma liberdade romântica e mentirosa, levanta-se agora, para saudar de pé aqueles a quem de joelhos implorou com lágrimas de sangue, a sua liberdade. *Não julgueis ainda, meus irmãos de raça, que a 13 de maio de 88, fostes verdadeiramente libertos. Não, meus caros irmãos, é preciso que saibas que aquela liberdade aparente foi somente para livrar-nos do chicote, dos capitães de mato, do vergonhoso tráfico de africanos, trocados ou comprados por quinquilharias.* Digo isto, meus caros irmãos, porque neste momento em que o Brasil reclama dos negros, como verdadeiros brasileiros que são, a sua ajuda para o seu reerguimento, é com grande pesar que vemos que ainda somos escravos, libertos do relho, mas presos em uma formidável corrente. E eu agora voz pergunto: sabeis qual é essa corrente? Não sabeis? (santa ingenuidade). Essa corrente é a da

O JORNAL A VOZ DA RAÇA E OS USOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA

RODRIGUES, J. M. S.
OLIVEIRA, N. D.

ignorância, da falta de instrução, educação, e união da nossa raça. *Porque, negros de minha terra, não amparais com todo o amor esta obra gigantesca que é a F.N.B.? Porque, irmãos negros, não vedes, na F.N.B., o grande farol de onde se irradia a luz de indispensáveis conhecimentos humanos? É preciso que atenteis para o bem. Que deixeis de coisinhas, que só servem de gaudio para aqueles que choram ainda a falta do chicote. Escravos... É hoje, mas sem demora, já... que deveis correr para a rua da Liberdade, 196, sede da verdadeira F.N.B., esta grande força que vem pleiteando, exigindo o direito do negro no Brasil. É com lágrimas nos olhos que eu presencio dentro de São Paulo, a decadência moral de certos negros, negroides e mulatoides. Deveis, neste instante, atende aquele toque vibrante do clarim, tocando sempre reunir... reunir... raça forte. E, se assim fizerdes, estou certo, que daqui a anos não teremos mais estes milhões de negros analfabetos, desunidos. Então, poderemos cantar, vai ficar a Pátria livre, vou morrer pelo Brasil* (Perola de Castro)^{XXIV}.

A representação do “13 de Maio” fazia parte do vocabulário e das práticas das populações negras no pós-abolição, mas a incorporação dessa expressão no cotidiano não correspondeu ao apagamento da memória sobre o fato histórico, isto é, as consequências dele enquanto ato jurídico e político do império. Nesse sentido, o artigo acima permite que o professor(a) de História considere com seus alunos(as) as interpretações dos escritores do jornal e militantes da FNB sobre o dia 13 de maio de 1888, as quais aparecem no jornal não somente nas publicações do mês de maio, nem sem resumem as festividades que foram comuns nessa data, pois das vinte publicações de 1933, constam textos nos meses de março, abril, maio, junho, julho, setembro e novembro daquele ano, e assim como o texto de Perola de Castro, publicado em junho/1933, o conteúdo girava em torno de outras questões além das festividades e comemorações.

Diferentemente de Menelin, pseudônimo-autor do artigo *Do Meu Canto*, que indicava no seu texto as diferenças ideológicas internas a FNB, Perola de Castro convocava aqueles “irmãos negros” de fora a se juntarem a associação. Sobre ela, sabemos que era de Rio Claro-SP e que escreveu apenas dois artigos para o *A Voz da Raça*, um deles foi o que acabamos de reproduzir e o outro se intitula *Palavras de Rioclarense*, em 5 de agosto de 1933^{XXV}. Considerando isso, é importante frisarmos e também o professor(a) de História aos seus alunos(as), que a grande quantidade de colaboradores do jornal não contribui para reconstruir as informações biográficas dessas pessoas, especialmente autoras como Perola de Castro, que publicaram apenas uma ou duas vezes no jornal^{XXVI} ou daqueles autores(as) que utilizavam pseudônimos

No entanto, se o “13 de Maio” foi representado pelos autores do jornal e militantes da FNB como uma data magna, festivamente celebrada e importante marco para a construção da luta do povo negro no Brasil, inclusive, considerado feriado nacional até 15 de dezembro de 1930^{XXVII}, não foi assim apresentado aos alunos(as) pelos livros didáticos e, atualmente, é fortemente questionado e silenciado pelo Movimento Negro^{XXVIII}. Acreditamos que apesar de bem intencionados os questionamentos, esses não ajudam a desmitificar a data, mas contribuem para a legitimação das interpretações das classes dominantes, que escamoteiam o sentido de sucesso do movimento abolicionista e das lutas das populações negras pela liberdade^{XXIX}, reafirmando assim que o negro(a) não foi ativo nesse processo.

Diante disso, o contato com os documentos de época como os jornais promovem aos alunos(as) a interação com as efemérides como construções sociais, que são oriundas de disputas muitas vezes cruentas, como também legislativas. Para a Frente Negra, o “13 de Maio” não foi só uma comemoração, mas um dia de reivindicação nacional:

O JORNAL A VOZ DA RAÇA E OS USOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA

RODRIGUES, J. M. S.
OLIVEIRA, N. D.

Figura 2. O 13 de Maio deve ser feriado



Fonte: Hemeroteca Nacional

O Decreto nº 19.488, promulgado por Getúlio Vargas, retificou os feriados nacionais, diminuindo as datas, dentre elas a do feriado da abolição da escravidão. Nesta notícia de capa, foi reproduzido o ofício encaminhado ao presidente da Câmara dos Deputados, Antônio Carlos Ribeiro de Andrade^{XXX}, em que os fretenegrinos “desejam celebrar, sem ofensa aos interesses do trabalho, uma data especial, grandiosa, que vale não apenas pelo fato da abolição da escravatura, (...) mas pela afirmação do esforço negro”^{XXXI}. Portanto, na fase assimilacionista ou a primeira fase do Movimento Negro^{XXXII}, a FNB como máxima expressão de luta da época, reivindicava a sua participação e importância na construção do país, apoiando-se em datas já reconhecidas nacionalmente, como era o 13 de Maio, para isso eles apelavam para a retórica patriótica: “Datas menos importantes no sentido nacionalista foram conservadas ou restabelecidas. Por quê, então, preferir o 13 de Maio que todo o Brasil celebra ou quer celebrar?”^{XXXIII}.

Se os livros didáticos atuais e as políticas curriculares foram construídas sob a ótica da fase diferencialista ou terceira fase do Movimento Negro^{XXXIV}, não é de se estranhar que datas como o 13 de Maio tenham sido silenciadas. Isso porque, a partir de 1971 período que marca essa terceira fase, o Grupo Palmares de Porto Alegre-RS lutou por outra data que representasse as populações negras e as suas lutas, defendendo o 20 de Novembro como esse novo marco. Para tanto, os livros e as políticas curriculares não estariam fora dessa compreensão, o que implica que o professor(a) de História não só deve trabalhar com definições previamente colocadas por estudiosos, mas com produtos históricos como o jornal e outros documentos escritos que não trazem interpretações prontas sobre o passado, mas abrem possibilidades de interpretações diversas. Talvez a FNB seja aquele grupo com maior quantidade de documentos

O JORNAL A VOZ DA RAÇA E OS USOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA

RODRIGUES, J. M. S.
OLIVEIRA, N. D.

preservados e disponibilizados hoje em ambiente virtual, mas cabe aos professores(as) e alunos(as) investigarem como as datas e os marcos simbólicos foram criados pelos grupos sociais em disputa no Brasil.

Por esse motivo, as fontes históricas (escritas ou não) quando utilizadas em sala de aula pelo professor(a) de História impulsiona a interpretação autônoma dos alunos(as), e o jornal *A Voz da Raça* nos quatro anos de existência mostrou que a expressão 13 de Maio apareceu nas mais diversas atividades e reivindicações políticas. Em 1935, o jornal divulgou a criação da Sociedade Esportiva Clube 13 de Maio:

Somos daqueles que não deixam de aplaudir as iniciativas boas que visam ou que correspondam aos anseios da alma negra, na senda integral da perfeitilidade (*sic*). Assim é que levamos ao conhecimento de nossos leitores a fundação da S. E. C. 13 de Maio. Pela leitura dos estatutos que seus diretores nos enviaram com atenciosa carta, pudemos ver que no dito programa recreativo e esportivo também está ali exarado o pugnar pelo *desenvolvimento moral, material da raça negra, prestando aos associados assistência social e médica* etc. Cumpre que os responsáveis pelo destino do *novel 13 de Maio não se devam inteiramente a parte recreativa esportiva, descurando da parte mais nobre do seu bem elaborado estatuto*. São muitos os votos que fazemos pelo triunfo da nova agremiação. A sua sede social situa-se à Avenida Rebouças, 102 e sua diretoria constitui-se dos seguintes membros: Presidente: Alberto G. Pontes; Vice-presidente: Deogracio Cirilo; Tesoureiro: José Antônio Figueira; Secretário: Benedito C. Marcondes; Procurador Geral: Avelino Conceição^{xxxv}.

Apesar do caráter esportivo, a Sociedade, segundo o artigo acima, não estava desligada de serviços institucionais importantes, como o de assistência social médica. Nesse caso, o professor(a) de História pode propor que os alunos nas suas aulas associem os conteúdos dos documentos históricos (a criação da Sociedade Esportiva) com o contexto político e social da época que o documento foi produzido (o governo Vargas). No entanto, essa não é a única possibilidade didática (e de pesquisa) dentro do periódico, outras palavras-chaves podem despertar a curiosidade dos alunos e dos professores(as) nas diferentes práticas da FNB. Exemplo potencial de temática no jornal em consonância com o 13 de Maio são as atividades esportivas, as festividades, as interpretações acerca da abolição, etc.

Por esse motivo, frisamos no decorrer da exposição de nosso minicurso que o uso didático de documentos escritos na sala de aula deve partir do pressuposto metodológico e ontológico de que a experiência temporal de quem observa (professores e alunos) para quem produziu (a FNB) o documento histórico comporta diferenças, que incidem sobre a forma de escrever, os lugares descritos, as referências culturais, entre outros, o que por sua vez, promove um entendimento da história como processo objetivo e concreto em que passado, presente e futuro estão implicados.

Considerações finais

O jornal *A Voz da Raça* já foi utilizado como objeto de pesquisa^{xxxvi} e como fonte^{xxxvii} na pesquisa em História. Com a realização do minicurso no III Congresso Universitário da UEPB, em 2023, a nossa pretensão foi a de ampliar esse uso para o ensino de História, considerando o tema de uma efeméride como o “13 de maio”, assunto recorrentemente discutido pelos fretenegrinos através das páginas do periódico e até pouco tempo atrás uma data disputada pelo MNU.

O JORNAL A VOZ DA RAÇA E OS USOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA

RODRIGUES, J. M. S.
OLIVEIRA, N. D.

Diante da descrição e apontamentos que foram realizados no minicurso, podemos compreender que a efetivação dos determinantes da legislação educacional e da inserção da educação para relações étnicorraciais não está restrito ou pode ficar restrito aos materiais didáticos e processos de ensino-aprendizagem que são comercializados por empresas junto ao Estado. O professor(a) de História com sua autonomia profissional e intelectual pode lançar mão de arquivos que possuem uma grande quantidade de informações – no caso aqui trabalhado foram os jornais – com potencial de uso como conteúdo curricular e instrumento pedagógico, cuja finalidade é a de desenvolver no educando uma consciência histórica sobre o Brasil e sobre a população racializada como negra em nosso país.

Este material concentra em vários aspectos uma temporalidade passada que pode ser mobilizada pelos professores(as) como mediador na construção de uma representação concreta e objetivada dessa realidade, além de contribuir para que os mesmos compreendam que a história enquanto ciência é um produto narrativo, advindo da consciência de um historiador(a) que escreveu um livro didático, mas também a produção objetiva da existência humana. Esse tipo de ação torna-se importante na compreensão das experiências das pessoas negras na construção do Brasil, além de proporcionar uma maior identificação dos educandos com a realidade que o cerca e na construção permanente da sua identidade e de uma educação nacional emancipatória.

Notas

^I Esse artigo é uma versão ampliada e revisada do capítulo publicado no *E-book* “Educação, Ciência e Política: conferências e palestras XIII Fórum Internacional de Pedagogia (FIPED)” em 2023.

^{II} Professor do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), graduado em Pedagogia pela mesma instituição. E-mail: joamarcossouzarodrigues@gmail.com

^{III} Professora do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre e graduada em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Atualmente, é vice-líder do Núcleo de História e Linguagens Contemporâneas (NUHLC/UEPB). E-mail: noemia.oliveira@servidor.uepb.edu.br

^{IV} Ainda está por ser feito um inventário documental com todos os documentos escritos produzidos pelo Movimento Negro, que estão disponíveis *online*. Diante dessa gama de possibilidades, escolhemos o jornal *A Voz da Raça*, produzido pela Frente Negra Brasileira, que circulou em São Paulo e outras cidades entre os anos de 1934 e 1937. Atualmente, está disponível gratuitamente no sítio da Hemeroteca Nacional.

^V Para compreender a discussão sobre a forma e o conteúdo da educação formal, ver Álvaro Vieira Pinto (1993), especialmente o capítulo Forma e Conteúdo da Educação.

^{VI} Entendemos o Movimento Negro como “a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural” (DOMINGUES, 2007, p. 102).

^{VII} A periodização da história do Movimento Negro no Brasil foi feita por Petrônio Domingues (2007) que apresenta a primeira fase desse movimento como aquela que vai dos anos de 1889 a 1937, ou seja, da Primeira República ao Estado Novo. Já a segunda fase corresponde aos anos de 1945 a 1964 e a terceira vai de 1978 a 2000. Em cada uma dessas fases o Movimento Negro atuou de formas diferentes, tendo em vista as situações políticas do contexto, como é o caso da primeira fase que segundo Domingues (2007), o Movimento praticou uma pauta assimilacionista e nacionalista.

^{VIII} Rüsen (2010).

^{IX} Segundo Jorn Rüsen (2010) no aprendizado tradicional as experiências temporais são processadas a partir das tradições condutoras das ações; no aprendizado exemplar a experiência temporal se dá com regras individuais que

O JORNAL A VOZ DA RAÇA E OS USOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA

RODRIGUES, J. M. S.
OLIVEIRA, N. D.

se estabelecem como condutoras das ações; no aprendizado crítico a experiência temporal serve para negar a identidade pessoal e individual, buscando entender o modelo histórico e social consagrado; e por fim, no aprendizado genético a experiência temporal é concebida quando os sujeitos aprendem a considerar a sua autorrelação com o tempo e a ações.

^X Baseados na teoria da Didática da História proposta por Rüsen (2010), acreditamos que o aprendizado histórico é um processo complexo que se estabelece com o contato de diferentes produtos e práticas culturais em diferentes temporalidades.

^{XI} “Minoria” aqui não é sinônimo de “minorias quantitativas”, isto é, de um grupo minoritário em relação a outros grupos sociais. O sentido aqui utilizado é o de “minorias sociais” ou os grupos minoritários (ou sub-representados) que tem em comum o fato de terem sido vistos pelo Estado não como cidadãos, mas como propriedades ou “cidadãos de segunda classe” (JALES, 2021).

^{XII} Samara; Tupy (2010).

^{XIII} Bittencourt (2008).

^{XIV} Silva (2003).

^{XV} Nasceu em Itu-SP em 1902. Foi filósofo, poeta, jornalista, professor e presidente da Frente Negra Brasileira. Faleceu em São Paulo-SP em 1978. Para maiores informações ver Dados Biográficos em Literafro-UFMG: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/167-arlindo-veiga-dos-santos>

^{XVI} Nasceu em São Paulo-SP em 1900. Foi jornalista e um dos fundadores da Frente Negra Brasileira, no entanto, rompeu com a organização um ano depois devido conflitos políticos. Faleceu em São Paulo-SP em 1989. Para maiores informações ver Dados Biográficos em Literafro-UFMG: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/ensaistas/1391-jose-correia-leite>

^{XVII} Silva (2003).

^{XVIII} Nos referimos a caracterização proposta por Domingues (2007).

^{XIX} Luca (2008).

^{XX} Na BNCC, esses temas aparecem como “objetos do conhecimento” da primeira Unidade Temática do 9º ano, página 428.

^{XXI} O historiador Mário Maestri defende a tese historiográfica de que a abolição da escravidão no Brasil constituiu-se como a única revolução social vitoriosa no Brasil até os dias atuais. Para maiores informações ver do mesmo autor o texto “1888: A Revolução Abolicionista no Brasil” (2012).

^{XXII} JORNAL A Voz da Raça. *Bloco 13 de Maio*. São Paulo, 13 de Maio de 1933, p. 2.

^{XXIII} JORNAL A Voz da Raça. *Do meu canto*. São Paulo, 6 de maio de 1933, p. 3 (grifo nosso).

^{XXIV} JORNAL A Voz da Raça. *Comentando*. São Paulo, 17 de junho de 1933, p. 2 (grifo nosso).

^{XXV} JORNAL A Voz da Raça. *Palavras de Rioclarense*. São Paulo, 5 de agosto de 1933, p. 4.

^{XXVI} Informações coletadas na dissertação de Lima (2011), que construiu uma tabela com o nome de todos os autores(as) do jornal entre os anos de circulação, de 1933 a 1937. Cf. Lima (2011), páginas 79, 80 e 81.

^{XXVII} A data marca a promulgação do Decreto nº 19.488 de 15 de dezembro de 1930, em que Getúlio Vargas diminuía a quantidade de feriados nacionais de 12 para 6 datas, excluindo-se as datas da Inconfidência Mineira (21 de Abril), Abolição da Escravidão (13 de Maio), Dia das Crianças (12 de Outubro) e outros.

^{XXVIII} Maestri (2005) condena a falta de reconhecimento histórico, portanto, o silenciamento em torno da data do 13 de Maio. Com esse raciocínio, não se quer que compreenda a data como uma benevolência imperial, mas sim como um processo histórico, digno de reconhecimento nacional ao lado de datas como a Independência (07 de Setembro) e a República (15 de Novembro).

^{XXIX} Maestri (2005).

^{XXX} Nasceu em Barbacena-MG (1870-1946), foi advogado, prefeito de Belo Horizonte-MG, deputado e senador da República. Informações disponíveis em <https://www.mg.gov.br/governador/antonio-carlos-ribeiro-de-andrada>

^{XXXI} JORNAL A Voz da Raça. *O 13 de Maio deve ser feriado*. São Paulo, 11 de Maio de 1935, p. 1.

^{XXXII} Domingues (2007).

^{XXXIII} Idem.

^{XXXIV} Domingues (2007).

^{XXXV} JORNAL A Voz da Raça. *Sociedade Esp. Clube 13 de Maio*. São Paulo, 31 de agosto de 1935, p. 1 (grifo nosso).

^{XXXVI} Silva (2003).

^{XXXVII} Domingues (2007).

Referências bibliográficas

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. O uso didático de documentos. In: _____. *Ensino de história: Fundamentos e métodos*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. Decreto nº 19.488, de 15 de dezembro de 1930. Decreta os dias de festa nacional. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19488-15-dezembro-1930-508040-republicacao-85201-pe.html>

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm#:~:text=L10639&text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Alterar%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007. Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13415-16-fevereiro-2017-784336-publicacaooriginal-152003-pl.html>.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo* [online], vol. 12, n. 23, p. 100-122. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4Hqn/abstract/?lang=pt>.

JALES, Luanna. Visibilidade histórica para mulheres, negros e indígenas. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). *Novos combates pela História: desafios, ensino*. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

JORNAL *A Voz da Raça*. São Paulo, anos de 1933 e 1935. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/voz-raca/845027>.

LIMA, Alex Benjamim. *Em tintas negras: cultura impressa e intelectualidade em A Voz da Raça (1933-1937)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Assis, 2011.

LUCA, Tania Regina. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: Fontes Históricas. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MAESTRI, Mário. 13 de maio: A única revolução social do Brasil. *La insígnia*. 2005. Disponível em: https://www.lainsignia.org/2005/mayo/ibe_028.htm

O JORNAL A VOZ DA RAÇA E OS USOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA

RODRIGUES, J. M. S.
OLIVEIRA, N. D.

MAESTRI, Mário. 1888: A Revolução Abolicionista no Brasil. (*In*) *visível*. p. 41- 48. 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/11045028/1888_A_Revolu%C3%A7%C3%A3o_Abolicionista_no_Brasil

PERONI, Vera Maria; CAETANO, Maria Raquel; & ARELARO, Lisete Regina Gomes. BNCC: disputa pela qualidade ou submissão da educação? *RBP*, v. 35, n. 1, jan./abr. 2019. p. 35-56.

PINTO, Álvaro Vieira. *Sete lições sobre a educação de adultos*. 8 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

RODRIGUES, João Marcos de Souza; OLIVEIRA, Noemia Dayana de. “Pela quebra das correntes”: Apontamentos metodológicos para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. In: JOCA, Alexandre Martins et al (orgs). *Educação, ciência e política: conferências e palestras do XIII FIPED*. Cajazeiras/PB: AINPGP, 2023. p. 156-164.

RÜSEN, Jörn. Aprendizado Histórico. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: Editora da UFPR, 2010. p. 41-49.

SAMARA, Eni Mesquita; TUPY, Ismênia Spínola. A leitura crítica do documento. In: _____. *História & Documento e metodologia de pesquisa*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVA, Maria Aparecida Pinto. *A Voz da Raça: Uma expressão negra no Brasil que queria ser branco*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.